

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

ELISA HOFFMANN

**Porta-voz entre dois mundos – uma análise da narrativa *Malinche*, de
Laura Esquivel**

Porto Alegre, 2013

ELISA HOFFMANN

**Porta-voz entre dois mundos – uma análise da narrativa *Malinche*, de
Laura Esquivel**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção de grau de
Licenciatura em Letras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Professora Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cinara
Ferreira Pavani

Porto Alegre, 2013

ELISA HOFFMANN

**Porta-voz entre dois mundos – uma análise da narrativa *Malinche*, de
Laura Esquivel**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção de grau de
Licenciatura em Letras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Professora Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cinara
Ferreira Pavani

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a Dr^a Cinara Ferreira Pavani

Prof^a Dr^a Rita Lenira Bittencourt

Prof^a M^a Liliam Ramos da Silva

A meus pais, Renato Luiz Hoffmann e Geni Hoffmann,
por me darem a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos mestres e antepassados que são meu esteio de luz e foram a fonte de inspiração para este trabalho.

À minha família, especialmente a minha irmã gêmea e parceira, desde meu *início*, Andréa H. Grezzana. Agradeço à Juliana Hoffmann, Renata Hoffmann e Flávia Hoffmann Fett, irmãs queridas que, mesmo de longe, também me apoiaram com seu carinho.

Aos colegas e professores da UFRGS, família de amigos da estrada acadêmica e da vida, por tornarem mais leve meu caminho, me apoiando nas dificuldades que encontrei ao realizar este trabalho.

À minha orientadora, Cinara Ferreira Pavani que, com sua paciência, delicadeza e firmeza, transformou minhas angústias em momentos mais serenos e produtivos para a realização deste trabalho.

À Kétina Timboni que, com carinho, auxiliou-me na finalização deste trabalho

À Rita Lenira Bittencout, pelo incentivo na vida acadêmica.

Aos meus chefes do PPG - Letras, José Canísio Scher e Márcia Jacques, por acreditarem em mim, apoiando-me nesta caminhada.

À Janine Pereira e Márcia Pacheco, pelas amizades e incansáveis apoios em momentos cruciais da minha vida.

À Maria Luiza Bonorino e ao Leandro Bierhals, por sua amizade e apoios infinitos em momentos muito importantes da minha vida acadêmica.

A Adriano Machado, à Ma.de Loudes Fensterseifer, à Roberta Turski, à Elza Ma. Reis Macedo Mendes, à Sirlei Bandeira Flores e aos demais kumites da Sukio Mahikari de Porto Alegre por suas orações e amizades sinceras.

À Daniela Oliveira e demais amigos da comunidade tangureira de Porto Alegre que com carinho me fizeram dançar mais leve e poder concluir este trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o romance *Malinche*, de Laura Esquivel, a partir do ponto de vista do poder da palavra exercida pela protagonista, bem como de sua relação com a cultura, as crenças, a memória e a identidade. Para situar a obra na história da literatura, utiliza-se as ideias do crítico Seymour Menton sobre a *nueva novela histórica*, que destaca o papel da mulher como protagonista na história. O contexto histórico tem como fundamentação alguns ensaios sobre o tema da conquista mexicana, dentre os quais se destacam os de Tzvetan Todorov. Estudos do filósofo alemão Ernest Cassirer, do historiador francês Jacques Le Goff e do filósofo e cientista social mexicano Octavio Paz dão suporte à análise de *Malinche* ao que diz respeito ao poder da palavra, à cultura, às crenças e à relação entre memória e identidade. O estudo se justifica pela importância do romance de Esquivel no contexto da literatura hispano-americana do século XX, na medida em que propõe uma visão renovada da história do México.

Palavras-chave: Poder. Palavra. Memória. Identidade. *Malinche*. Laura Esquivel.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo analizar la novela *Malinche*, de Laura Esquivel, desde el punto de vista de la función de la palabra en la trayectoria de la protagonista, así como su relación con la cultura, las creencias, la memoria e identidad. Para situar la obra en la historia de la literatura, se utiliza las ideas del crítico Seymour Menton respecto a la nueva novela histórica y acerca de la importancia de la función de la mujer como protagonista en la historia. El contexto histórico se fundamenta en algunos ensayos respecto al tema de la conquista mexicana, entre los cuales se destaca los de Tzvetan Todorov. Estudios del filósofo alemán Ernest Cassirer, del historiador francés Jacques Le Goff y del filósofo y científico social mexicano Octavio Paz sustentarán el análisis de *Malinche* acerca del poder de la palabra, de la cultura, de las creencias y de la relación entre la memoria y la identidad. El estudio se justifica por la importancia de la novela de Esquivel en el contexto de la literatura hispanoamericana del siglo XX, una vez que se propone una visión renovada de la historia de México.

Palabras- clave: Poder. Palabra. Memoria. Identidad. *Malinche*. Laura Esquivel.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – HERNÁN CORTÉS E MALINCHE COM MOCTEZUMA EM TENOCHITITLÁN (LIENZO DE TLAXCALA. 1890)	38
FIGURA 2 – MALINCHE E HERNÁN CORTÉS EM TLATELOECO. CÓDEX DA HISTÓRIA DE TLAXCALA (SÉC. XVI).....	39
FIGURA 3 - CÓDEX MEDONZA – MALINCHE MOCTEZUMA E HERNÁN CORTÉS.....	40
FIGURA 4 – ÍCONE VALORIZANDO O GESTUAL DE MALINCHE (XVI)	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 <i>MALINCHE, NUEVA NOVELA HISTÓRICA</i>	14
2 MALINCHE E CORTÉS NA HISTÓRIA	17
2.1 Hernán Cortés	17
2.2 Malinche	18
3 A PALAVRA E SUA POTÊNCIA EM <i>MALINCHE</i>	21
3.1 O poder da palavra	21
3.2 Malinche: porta-voz entre dois mundos	29
4 MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o romance *Malinche*, de Laura Esquivel, a partir do ponto de vista do papel da palavra exercido pela protagonista em sua trajetória, bem como de sua relação com a cultura, as crenças, a memória e a identidade.

O estudo da obra justifica-se pela sua importância no contexto literário hispano-americano, uma vez que se trata de um romance que resgata o passado histórico do México numa perspectiva renovada, a partir de um ponto de vista feminino. Além de ser de autoria feminina, *Malinche* narra acontecimentos históricos com foco em uma mulher, a qual foi acusada de traidora pela história tradicional.

Laura Esquivel lançou o seu primeiro romance, *Como água para Chocolate* (1989), obra que mescla a arte culinária e realismo mágico, e teve um êxito sem precedentes: foi traduzida para mais de 35 idiomas, ficando por mais de um ano na lista dos livros mais vendidos segundo *New York Times*. Mas, seu maior êxito chega quando seu marido e cineasta mexicano Afonso Arau leva a obra ao cinema, com roteiro da própria Esquivel. O filme teve uma grande repercussão, sendo o filme estrangeiro mais visto nos Estados Unidos. No México, ganhou o *Décimo Premio Ariel* como melhor filme.

Em 1994 escreveu *La ley del amor*, que acompanha um CD para ser escutado na leitura do livro. Em seguida, em 1998, lançou *Intimas suculências*, uma recopilación de contos novamente ligados às receitas de cozinha e que abordam o mundo da mulher atual e sua maneira de entender a vida. Em 1999, escreveu *Estrellita marinera*, que começa como um roteiro de cinema e termina como um conto de ilustrações.

Lançou mais três livros, *El libro de las emociones* (2000), *Tan veloz como el deseo* (2001) e *Malinche*, seu último livro até agora, que foi publicado em 2004 e consagrou internacionalmente a autora.

Laura Esquivel foi agraciada, em 1994, com o prêmio ABBY (*American Bookseller Book of the Year*), honraria recebida pela primeira vez por uma escritora estrangeira. Também foi premiada por uma versão em áudio da obra *Malinche* (2005), que ganhou o prêmio de melhor áudio-livro em espanhol concedido pela *Asociación de Editores de Áudio*.

Em entrevista concedida recentemente para uma revista argentina (2012)¹, a autora mostra sua visão da protagonista e fala da importância da obra *Malinche* para sua vida pessoal:

[...] ella era una mujer muy inteligente que hablaba náhuatl y maya, y rápido aprende el español, y no saben ustedes cómo la admiro, porque tanto el maya como el náhuatl están llenos de poesía, son muy simbólicos, ha de haber sido difícilísimo traducir, y lo hizo de maravilla. Y además siempre piensan que era traidora, tú para traicionar a alguien tienes que ser parte de... ella no era mexicana, ella vivía en un lugar donde el imperio azteca los tenía sojuzgados a todos esos habitantes, donde le pedían una cantidad impresionante de tributos, ella tiene que estado harta de eso y tiene que haber deseado un cambio también. [...] Ha sido muy importante escribir 'Malinche' porque he descubierto todo lo que ignoraba de la historia de mi país. Es un análisis de la función de esta mujer como ser humano y de su relación con su herencia cultural. [...] (p.8-9)

Em relação à crítica literária, Anna Maria Fernandez Poncela², em seu estudo *Malinali: discursos y creación cultural*³ fez um panorama de inúmeras visões/opiniões de escritores/as, jornalistas, filósofos/as e artistas a respeito da *persona* Malinche para a cultura mexicana, além de uma pesquisa aplicada, mostrando como atualmente se situa esta personagem no imaginário social do mexicano.

Poncela comenta a respeito dos múltiplos enfoques que o estudo do tema Malinche possibilita abordar:

¹ Cuadernos del CILHA, vol. 13, núm. 17. Universidad Nacional de Cuyo. Mendoza, Argentina. 2012.

² Investigadora e docente do Departamento de Política e Cultura, DCSH, *Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco* (México). Doutora em Antropologia.

³ Publicado em La Ventana. Revista de Estudios de Géneros. 2008.

Si hay una figura histórica femenina que ha despertado interés en cuanto a su estudio, ésta es Malinalli. Desde la psicología, la literatura, la filosofía, la antropología, la historia, la sociología, los estudios culturales, el enfoque de género, el folclore y los estudios de cultura popular se ha cultivado la curiosidad personal, académica y social hacia esta mujer.⁴ (p.119)

Nuñez comenta a respeito da posição social e justifica as atitudes de Malinche:

Si la Malinche puede llegar a ser heroína de novela, no es por su indianidad, sino por su eterno femenino, y en la novela es evidente que para que hubiera podido gustarle a Cortés necesitaba ser la más bonita, la más inteligente, una hija de príncipes, bien educada, etcétera (NÚÑEZ, 1998, p.113)

Malinche fue el puente sobre el cual pasaron las palabras de Cortés, y de labios de él, Malinche había oído por primera vez en su vida, lo que podía ser la libertad. Malinche no es traidora, fue traicionada por los suyos, por su madre vendida y como alguien tenía que ser culpable ante la historia de la traición de los españoles, se le culpó a ella (NÚÑEZ, 1998, p.166 e 167)

No ponto de vista de Muñiz, a criação das representações do “mexicano” e da “mexicana” são expressões mitológicas do imaginário social para explicar a identidade nacional, a qual Malinche fez parte como progenitora:

Definió a sus mujeres y a sus hombres idóneos desde la consolidación de una cultura de género que devino de dos procesos: la propia edificación del Estado y del proceso civilizatorio en el que se empeñaba la sociedad desde el momento de la conquista española. La creación de las representaciones de "la mexicana" y "el mexicano" son "expresiones mitológicas" que se han acumulado en el imaginario social durante un largo periodo y terminan por constituir una especie de meta discurso, "una intrincada red de puntos de referencia a los que acuden muchos mexicanos" para explicar la identidad nacional (MUÑIZ, 2002, p. 320)

Além de *Malinche*, de Esquivel, existem outras obras que apresentam a protagonista a partir de uma ótica feminina, tais como *Malitzin y el señor Malinche* (1998), da mexicana Helena Alberú de Villava; *Amor y conquista e La novela de Malinali mal llamada la Malinche* (1999) da também mexicana Marisol Martín del Campo e *La conquista de la Malinche* (2001), da australiana Anna Lanyon.

⁴ Idem

Em vista dos escassos estudos sobre a obra de Laura Esquivel e da inexistência de uma análise na perspectiva do poder da palavra em *Malinche*, propõe-se a análise deste romance, no intuito de contribuir para o entendimento da obra e de promover o debate sobre novas perspectivas de apresentação dos fatos históricos empreendidas pela literatura no século XX.

A metodologia utilizada neste trabalho consistirá na leitura e na análise de *Malinche*, à luz de textos históricos e filosóficos que discutem a relação entre palavra, poder, cultura, memória e identidade.

Para situar a obra na história literária, serão empregadas as idéias do crítico Seymour Menton sobre a *nueva novela histórica*, que discute a posição feminina no contexto social e histórico em que se situa a obra, discorrendo sobre o papel da mulher como narradora e protagonista.

O contexto histórico terá como fundamentação os estudos de Tzvetan Todorov e Alfonso De Toro acerca da conquista mexicana. Todorov acredita que a conquista foi para os *vencedores* um ato de saber bem utilizar a informação. Para ele, compreender o outro (vencidos) significava destruí-lo, mostrando a figura estrategista que era Cortés e o papel de Malinche como sua intérprete.

Estudos do filósofo alemão Ernest Cassirer, do historiador francês Jacques Le Goff e do filósofo e cientista social mexicano Octavio Paz deram suporte à análise de *Malinche* no que diz respeito ao poder da palavra, à cultura, às crenças e a relação entre memória e identidade. Cassirer discute o poder mitológico das palavras, associando essa influência ao poder de criação linguística de Malinche. A partir de Le Goff e de Octavio Paz, é realizada uma análise da influência da memória coletiva de um povo e de sua cultura.

1 MALINCHE, NUEVA NOVELA HISTÓRICA

O romance de Laura Esquivel pode ser classificado como novo romance histórico⁵, porque é uma obra que resgata o passado em uma perspectiva crítica, a partir de um ponto de vista feminino. Sua proposta é oferecer uma releitura do passado da personagem histórica Malinche, numa dimensão estética, que propõe uma nova interpretação em contraposição à apresentada pela história tradicional.

Esta corrente do romance histórico explora a possibilidade de libertar passados alternativos por parte da ficção e tem como seu precursor Alejo Carpentier, em *O reino deste mundo*, de 1949. Esta corrente encontra consistência a partir da década de oitenta, no século XX, através de autores argentinos como Abel Posse e Ricardo Piglia, os mexicanos Carlos Fuentes e Herminio Martínez, o paraguaio Augusto Roa Bastos, os brasileiros Silviano Santiago e João Ubaldo Ribeiro, e também os uruguaios como Napoleón Baccino, Alejandro Paternáin e Tomás de Mattos, entre outros. (CARBAJAL, 2007, p.20)

Na literatura de autoria feminina, várias mulheres passaram a publicar a partir dos anos de 1980, do século XX tendo como uma de suas principais representantes Isabel Allende, com romances como *A casa dos espíritos* (1982), *De amor e sombra* (1984) e *Eva Luna* (1987), nos quais a história do continente latino-americano é contada por personagens marginalizadas em vários sentidos, seja pela sua posição social, raça ou gênero.

⁵ CARBAJAL Debenedetti, Fabian Eduardo. **Vozes alternativas na reconfiguração dos mitos fundacionais : presença da mulher, do negro e do índio no romance histórico contemporâneo uruaio**. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/12749>

O crítico Seymour Menton (1993)⁶, em seu livro *La nueva novela histórica* de la América Latina faz uma distinção entre a *novela histórica tradicional*, que surgiu no século XIX e a *nueva novela histórica*, apontando seis características para identificá-la, que aqui serão apenas citadas:

(...)la subordinación de la reproducción mimética de cierto periodo histórico a la presentación de algunas ideas filosóficas; la distorsión consciente de la historia mediante omisiones, exageraciones y anacronismos; la ficcionalización de personajes históricos; la metaficción o los comentarios del narrador sobre el proceso de creación; la intertextualidad; los conceptos bajtinianos de dialógico, carnavalesco, parodia y heteroglosia (MENTON,. apud. (TABA, 2012, p.42).

A classificação de Menton não é exclusiva da *nueva novela histórica*, porém se generaliza no contraste que faz com o discurso monológico (CARBAJAL, 2007, p.21) que domina o romance histórico tradicional, surgido no século XIX com narradores como Walter Scott. Deve-se destacar que a *nueva novela histórica* é uma ficção marcada também por uma perspectiva feminina, antes dominada pela ótica masculina, apresentando mulheres que conduzem a narrativa e são as protagonistas do relato (SOTELO, 2009. p.20) . Assim, a diferença fundamental entre a *nueva novela histórica* e a tradicional é a inclusão da mulher na narração como um *ente catalizador y cronista de los acontecimientos históricos*.⁷(SOTELO, 2009, p.20)

Em *Malinche*, de Laura Esquivel, a autora faz uma crítica ao domínio do poder masculino, e salienta a capacidade feminina de decidir o rumo da *história*. A obra seria classificada no referido gênero por colocar uma personagem marginalizada e feminina, como a índia Malinalli, no centro da narrativa, deixando a história de personagens como Cortés e Moctezuma, tão privilegiados pelo discurso histórico tradicional, como pano de fundo. Além

⁶ MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina – 1979-1992**.USA: Fondo de Cultura Economica, 1993. In: TABA, Andréa M. J. **La Reivindicación de Malinche en la obra de Laura Esquivel**. Tesis- Licenciatura en español y literatura.Universidad Tecnológica de Pereira. México. 2012 .

⁷ SOTELO, Abigail M. **La nueva novela histórica y el trujillato: La Fiesta del Chivo y En el tiempo de las mariposas**. Dissertação de mestrado. The University Arizona. 2009.

disso, o romance apresenta um caráter cíclico, posto que o começo e o fim se fundem. (SOTELO, 2009, p.21) A voz da personagem feminina ecoa em toda a obra, sendo detalhada sua vida privada, seus anseios e suas divagações, à diferença das personagens no romance tradicional, que mantém um discurso histórico-falocêntrico. (SOTELO, 2009, p.18) O tratamento em terceira pessoa é desafiado neste tipo de gênero, pois a autora se aproxima de tal maneira da personagem, que se funde, dando a impressão de um diálogo direto com o leitor.

A obra de Esquivel também se aproxima dos romances pós-modernos, ao que se refere à definição de metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon (1991)⁸ como tipo de obra contemporânea que não aceita a continuidade inerente às antigas formas narrativas, que são utilizadas, mas questionadas. (RIBEIRO, 2009, p.78)

A metaficção historiográfica institui os limites entre literatura e história, mas em seguida os desafia. (...) A nova forma de escrita é simultaneamente, fictícia, histórica e discursiva. É metaficcional porque a realidade retratada constitui-se na do próprio discurso, e historiográfica, pois aborda a realidade de discursos passados. (RIBEIRO, 2009, p. 78)

O ponto de vista do autor, que escreve em época diferente da narrada, vai produzir outras interpretações da história. Nessa nova forma de narrativa, os romances surgem para subverter, questionar, problematizar tudo o que os romances históricos tradicionais davam como certo e já estabelecido. Essa flexibilidade de interpretação proporciona reflexões sobre a própria história. Os fatos narrados a partir de um novo ponto de vista recebem um novo sentido, lapidando os acontecimentos, que são escolhidos para serem narrados, multiplicando as perspectivas históricas e privilegiando os personagens marginalizados e ex-cêntricos. (RIBEIRO, 2009, p.79)

⁸ HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

No final do romance de Esquivel, as referências bibliográficas estão disponíveis, mostrando que a narrativa dialoga com as obras citadas pela autora.

A intertextualidade pós-moderna é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto. (HUTCHEON, 1991, p. 157)

Malinche, nessa perspectiva, constitui-se como obra que retoma o passado, questionando a visão histórica homogeneizadora que desconsidera as várias possibilidades de abordagem de um mesmo fato. Laura Esquivel empreende uma crítica ao passado histórico e mítico de seu país, ao apresentar uma nova versão dos acontecimentos referentes à conquista do México, dando voz e destaque para uma personagem marginalizada.

Neste trabalho, será utilizado o nome Malinalli em vários momentos, pois este é o nome que a autora escolheu para se referir à personagem quando narra sua vida antes de ser a tradutora de Cortés.

2 MALINCHE E CORTÉS NA HISTÓRIA

A conquista da informação leva à conquista do reino, Tzevan Todorov

2.1 Hernán Cortés

Hernán Cortés foi um dos conquistadores que aportou à costa mexicana, promovendo a Conquista do México, no séc.XVI. Em 1519, Cortés chega à costa mexicana e toma Vera Cruz, desvincula-se do governador de Cuba, colocando-se diretamente sob as ordens do rei Carlos V. Logo, Cortés percebe que o Império Asteca possuía atritos com outros povos mesoamericanos; começou, então, a elaborar estratégias e fazer alianças com os povos rivais. (TODOROV, 1982, p.p. 52, 53)

[...] Cortés, un hombre muy táctico, sabe primero apropiarse de los signos e informaciones y traducirlos a sus intereses para conseguir en forma eficaz sus propósitos también pecuniarios. Pero las innumerables negociaciones entre Cortés y los indígenas desde Yucatán hasta Tenochtitlán conducen, a pesar de sus artimañas, a una deterritorialización de Cortés. Particularmente, Cortés desde el primer momento se hace rodear de intérpretes que elige prolijamente y no se contenta sólo con Jerónimo de Aguilar sino hasta que obtiene a la Malinche. Translación es para él la introducción en el Nuevo Mundo, y cuán importante es este proceso en el contexto de una hibridez asimétrica y no intencional lo experimentamos en la varias veces citada Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España de Bernal Díaz del Castillo (Díaz del Castillo [1632]1997: 237). (DE TORO, 2006)

Para Todorov (1982), os primeiros conquistadores, Hernandez de Córdoba e Juan de Grijalva *se dedicam a coletar a maior quantidade de ouro no menor espaço de tempo, e não procuram saber nada sobre os índios* (TODOROV, 1982 p.95). Contrastando com eles, Cortés, impõe-se utilizando a estratégia de *compreender* os indígenas, diferenciando-se de seus pares por ter uma consciência política e, até mesmo, histórica de seus atos.

No início, mais do que conquistar, Cortés queria compreender em que terreno estava “pisando”, pois precisava entender a língua dos indígenas e se situar politicamente nas terras

do Novo Mundo. Em busca de informação mais do que de ouro, Cortés encontra a medida certa para iniciar sua empresa. (TODOROV, 1982, p.96)

Assim, ele encontra Jerónimo de Aguilar, um espanhol que se une à tropa de Cortés e é transformado por este em seu intérprete oficial, prestando-lhe *serviços inestimáveis* (TODOROV, 1982 p.97). Mas, como Aguilar não dominava a língua dos astecas e, para Cortés, a eficácia da comunicação entre ele e os índios era essencial, Malinalli entra em cena para ser sua intérprete e também mudar o rumo da História.

2.2 Malinche

La Malinche representa o “nascimento” da América, sendo um exemplo de hibridação na Conquista do México. Malinche foi um *regalo* que Cortés recebeu como tributo de guerra junto com mais dezenove índias pelo triunfo na guerra de Tabasco em 15 de março de 1519. Sua origem é incerta, mas se sabe que nasceu numa família nobre asteca, falava náhuatl e maia, pois cresceu em território maia. Sua mãe a vendeu para garantir os direitos de herança de seu filho menor, meio-irmão de Malinche. Depois foi revendida de tribo em tribo até chegar às mãos de Cortés e se tornar sua tradutora e intérprete. (DE TORO, 2006)

Dominando a língua maia, além de sua língua materna, o náhuatl, Malinche entra em contato com os espanhóis, e em pouco tempo aprende a língua que seria o portal para sua liberdade ao lado do imponente Cortés: de escrava a amante e intérprete de Cortés. Segundo De Toro (2006), Malinche não apenas cumpria estes papéis, mas tinha uma grande reputação, autoridade e confiança entre os índios e espanhóis, construindo uma intersecção entre ambas culturas com as línguas dominantes desses tempos: o náhuatl e o espanhol. Desse modo, Malinche conquista poder e prestígio (incluindo a propagação do cristianismo entre os índios,

papel que está reservado somente aos sacerdotes) e é a primeira mulher emancipada do Novo Mundo e na História Moderna:

Malinche não foi oportunista, nem traidora apenas situava e acomodava seu interesse em um mundo novo e irreversível, sendo a primeira mestiça, parindo o primeiro mestiço, bastardo e chingado, ou seja, o primeiro híbrido. (DE TORO, 2006)

Malinche é a única que fala com os reis e os semideuses olhando diretamente em seus olhos, o que para outros significaria a morte (DE TORO, 2006). Além disto, sem pedir licença, ousa intervir na conversação entre Cortés e Moctezuma, tomando a liderança da negociação, no momento da prisão do Cacique, *usando as palavras apropriadas, (especialmente no momento de sua prisão) sem que Cortés as tivesse pronunciado anteriormente* (TODOROV, 1982, p.97).

Malinche foi vista no século XVI pelas lentes das crônicas de Índias⁹ que se apresentaram como documentos fundamentais para o entendimento de como Malinche foi construída pelos relatos da época. Na busca de fama esses cronistas pretendiam, na sua maioria, convencer a coroa espanhola de seus feitos nos eventos da conquista. As principais crônicas são *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*, de Bernal Diaz del Castillo, *Historia de la conquista de México*, de Francisco López de Gómora, *Historia general de las cosas de Nueva España*, de Frei Bernardino de Sahagún, entre outras.

⁹ JOSÉ, Maria Emília Granduque. **A percepção da figura de Malinche a partir do discurso cronístico espanhol do século XVI**. ANPUH- XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza. 2009.

3 A PALAVRA E SUA POTÊNCIA EM *MALINCHE*

3.1 O poder da palavra

Nada existia. Solamente la inmovilidad, el silencio, en las tinieblas, en la noche. Sólo los Constructores, los Formadores, los Dominadores, los Poderosos del Cielo, los Procreadores, los Engendrados, estaban sobre el agua, luz esparcida. [Sus símbolos] estaban envueltos en las plumas, las verdes; sus nombres [gráficos] eran, pues, Serpientes Emplumadas. Son grandes Sabios. Así es el cielo, [así] son también los Espíritus del Cielo; tales son, cuéntase, los nombres de los dioses. Entonces vino la Palabra.

Popol-Vuh – o livro del consejo de los indios Quichés

Assim como no início da Criação, em que das trevas se fez a luz¹⁰, na obra de Laura Esquivel, *Malinche*, quando uma pessoa se referia a Ometéotl, o deus da criação da dualidade masculino e feminino, transportava-se para o momento da Criação, *sendo esse o poder da palavra* falada (p.60), o poder de criar e dar a vida.

Uma das características mais marcantes da personagem Malinche, desde o seu nascimento, é a sua relação com a palavra, a qual descobre que possui um grande poder de criação. A obra *Malinche* está dividida em oito capítulos, introduzidos por um códice¹¹ cada um, ilustrados por Jordi Castells. Essas ilustrações representam o que *fue - o pudo haber sido*

¹⁰ Popol -Vuh – o livro del consejo de los índios Quiches. Tradução para o espanhol: Georges Raynaud. Disponível em: http://www.samaelgnosis.net/sagrados/pdf/popol_vuh.pdf. Acesso em: 28 ago. 2013.

¹¹ Tipo de bloco de papel confeccionado a partir de fibras vegetais coberto com resina vegetal e uma fina camada de cal. FERREIRA FH., O.A. Os códices maias. Portal Templodeapolo.net, Porto Alegre-RS. Disponível em: http://www.historia.templodeapolo.net/civilizacao_ver.asp?Cod_conteudo=360&value=Os_códices_maias&cv=Civilização Maia&topico=Ciências#topo. Acesso em: 28 ago.2013.

No final deste trabalho serão apresentados alguns códices, seguidos de comentários.

- *el mundo de la Malinche*¹². Os códices são bastante representativos da trajetória e transformação de Malinche ao longo da narrativa através do uso que faz da linguagem.

Antes de proceder à análise propriamente dita, segue uma pequena síntese da obra, no intuito de mostrar o modo como Laura Esquivel conta a história de Malinche e Cortés.

Malinalli, como era chamada a índia asteca que nasceu na região da Painala, no México, tinha uma relação muito feliz com sua avó, a qual lhe dava todo o carinho e atenção negados por sua mãe. Sendo desde menina escravizada, Malinalli foi doada pela mãe para uma família maia e, depois de passar por vários anos, chegou às mãos de Hernán Cortés, quando da sua chegada ao Novo Mundo. Em pouco tempo, Malinche domina o espanhol e se torna intérprete e tradutora de Cortés.

Ao servir como intermediária entre as duas culturas, dos indígenas e dos espanhóis, Malinalli torna-se amante de Cortés. Desse romance, nasce um filho, Martín, e Malinalli, que também é chamada *La Lengua*, torna-se então uma das mais importantes mulheres de sua época. Ela testemunha várias batalhas entre Cortés e os indígenas e presencia a queda do Império Asteca, cujo imperador era Moctezuma que “entrega” seu império a Cortés, para a indignação de seu povo.

Depois de algum tempo, Malinalli pede a Cortés que a liberte da condição de escrava e que crie com ela um lar, mas ele decide casar Malinalli com um soldado de sua tropa, Jaramillo, negando seu amor a Malinalli por seu orgulho e ambição pela conquista. Malinalli, com esta recusa, perfura sua língua com um espinho, deixando de ser *La Lengua* e, assim, não mais o acompanha em suas batalhas, as quais Cortés passa a perder.

Quando Malinalli encontra um pouco de paz em seu lar com Jaramillo, que lhe dá uma filha, Maria, Cortés aparece em sua casa levando consigo também a notícia que estava sendo

¹² Nota da autora. [Esquivel, 2006](#).

acusado pela Corte da Espanha por vários crimes. Diante disso, ele lhes pede uma declaração de testemunho, exigindo lealdade. Malinalli, neste momento, dá-se conta de todo o engano que viveu e tem consciência de todo o mal que Cortés havia feito a ela e a seu povo.

Poucos dias depois deste fato, Malinalli refugia-se em uma montanha, onde se encontra com Tonantzin, deidade feminina que a liberta de suas amargas lembranças da conquista e de Cortés, resgatando-lhe o contato com seus deuses e devolvendo-lhe sua essência. Malinalli, então, retorna para casa, onde se encontra com seu marido e filhos para morrer em paz mesclando-se com as forças da natureza.

Cassirer¹³ discute a respeito da conexão que existe entre a linguagem e o mito e dá uma visão do poder mítico das palavras, através dos estudos de Hermann Usener¹⁴:

Nos relatos da Criação de quase todas as grandes religiões culturais, a Palavra aparece sempre unida ao mais alto Deus criador, quer se apresente como o instrumento usado por ele, quer diretamente como o fundamento primário de onde ele próprio, assim como toda a existência e toda ordem de existência provêm. O pensamento e sua expressão verbal costumam ser aí concebidos como uma só coisa, pois o coração que pensa e a língua que fala se pertencem necessariamente. (1972, p.65)

No nascimento da pequena Malinalli, que vem ao mundo pelas mãos amorosas de sua avó, chovia torrencialmente, e a água *falava*, *anunciava* um grande acontecimento, prenunciando o difícil parto da mãe de Malinalli. O cordão umbilical estava enrolado no seu pescoço e em sua boca em forma de serpente. Sua avó interpretou essa imagem como uma mensagem do deus Quetzacóatl e pressentiu que a menina estava *destinada a perderlo todo, para encontrarlo todo* (p.3)¹⁵, porque *solamente alguien que se vacía puede ser llenado de*

¹³ CASSIRER, Ernest. **Linguagem e Mito**. Uma contribuição ao problema dos nomes dos deuses. Tradução: J. Gunsburg e Miriam Schnaiderman Editora Perspectiva- São Paulo. 1972.

¹⁴ Filólogo e pesquisador da linguagem e da religião.

¹⁵ Todas as referências com apenas o número da página são referências ao romance *Malinche* de Laura Esquivel, ao qual dedicamos este trabalho.

nuevo (p.3), numa referência ao poder que a água exerceria na vida da pequena neta. Ao cortar o cordão umbilical da menina com uma faca afiada por ela mesma, os raios de sol refletem no rosto da avó, danificando sua visão completamente. A partir deste *acercamiento a la luz* (p.4) que a cegou, sua avó iria ver através de outros olhos, os ‘olhos’ da alma e de sua amada neta.

Com incensos e água, numa cerimônia cheia de significados para a recém nascida, a protagonista é batizada pela ave que pediu para que a deusa da água, Chalchiuhtlicue, retirasse todo o mal do corpo da menina dando-lhe o nome de Malinalli: *A partir de hoy serás llamada Malinalli, ese nombre será tu sino, el que por nacimiento te corresponde.* (p. 6)

Com a tradicional mensagem de boas vindas, seu pai dá voz naquele momento, *con una inspiración que no le pertenecía* (p.6) a palavras que selariam o seu destino:

-Hija mía, vienes del agua, y el agua habla. Vienes del tiempo y estarás en el tiempo y tu palabra estará en el viento y será sembrada en la tierra. Tu palabra será el fuego que transforma todas las cosas. Tu palabra estará en el agua y será espejo de la lengua. Tu palabra tendrá ojos y mirará, tendrá oídos y escuchará, tendrá tacto para mentir con la verdad y dirá verdades que parecerán mentiras. Y con tu palabra podrás regresar a la quietud, al principio donde nada es, donde nada está, donde todo lo creado vuelve al silencio, pero tu palabra lo despertará y habrás de nombrar a los dioses y habrás de darle voces a los árboles y harás que la naturaleza tenga lengua y hablará por ti lo invisible y se volverá visible en tu palabra. Y tu lengua será palabra de luz y tu palabra, pincel de flores, palabra de colores que con tu voz pintará nuevos códigos. (p.16 e 17)

Nessa passagem, observa-se a consciência do pai de Malinalli sobre a relação entre palavra e poder criador. Nesse sentido, Cassirer ainda afirma sobre a morfologia da representação religiosa que

[...] este vínculo originário entre a consciência linguística e a mítico-religiosa expressa-se, sobretudo, no fato de que todas as formações verbais aparecem [...] como entidades míticas [...], provindas de determinados poderes míticos, e de que a Palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo acontecer. (CASSIRER, 1972, p.64)

A personagem troca de nome diversas vezes na narrativa, o que sinaliza uma mudança de sua relação com a palavra. Aos treze anos, Malinalli foi novamente batizada pelo Frei Aguilar, numa cerimônia cristã, e seu novo nome “Marina” significava provinda do mar. O novo nome evidencia, por um lado, o processo de aculturação a que foram submetidos os povos locais e, por outro, a relação de Malinalli com a água, fonte da vida. Seu nome indígena estava representado no *huipil* branco que vestia, e era uma espécie de bata com adornos de conchas marinhas e plumas preciosas onde estava bordado o símbolo do vento, circundado por serpentes emplumadas.

Depois que deixou de servir a Puerto Carrero, Malinalli foi nomeada como *La Lengua* por Cortés que, por sua vez, era chamado por todos de *Sr. Malinche*. Ela sabia da enorme *responsabilidade espiritual* (p.60) que o nome *La Lengua* lhe trazia. Tinha medo de não dar conta da responsabilidade e do poder de ser a tradutora de Cortés, pois não sabia comandar, era *apenas* uma escrava, servindo a seu novo amo.

Para Octávio Paz (1992), uma das origens do nome de Malinalli seria de *xinachtli* (*semilla de hortaliza*) ou *xinaxtli* (*aguamiel fermentado*), associando o nome a bebidas alcoólicas e seus efeitos devastadores sobre o corpo. O termo *chingada* que Paz utiliza, seria uma acepção aos rostos de Malinche, ou melhor, um insulto no léxico mexicano como *chingar la madre*, sendo a pessoa um *chingón* (ou *chingona*).

No romance, Malinalli significava ressurreição e tinha como símbolo uma caveira de perfil, representando *todo aquello que muere o se transforma* (p.41).

Para Malinalli, a palavra tinha um grande poder de expansão, *creando miedo o esperanza, estableciendo alianzas, eliminando enemigos, cambiando el rumbo de los acontecimientos* (p.63) [...] *Estaba convencida que solo había dos posibilidades: unión o*

separación, creación o destrucción, amor u odio y que el resultado estaba determinado por 'La Lengua', o sea, por ella misma (p.64). Ela acreditava que a palavra coloreaba la memoria, sembraba imágenes cada vez que designaba un nombre (p.62).

Em caráter divino, para ela, a palavra:

[...] convertía el espacio vacío de la boca en el centro de la Creación y repetía en ella el mismo acto con el que el Universo se había originado al unir el principio femenino y el masculino en un solo. [...] La boca, como principio femenino, como espacio vacío, como cavidad, era el mejor lugar para que las palabras se generaran y la lengua, principio masculino, puntiaguda, afilada, fálica, era la indicada para introducir la palabra creada, ese universo de información, en otras mentes, para que ahí fecundara. (p.27-28)

Desse modo, com as constantes trocas de seu nome, Malinalli é impelida a vivenciar a perda da “conexão” com seus antepassados, a qual a centelha divina, inerente ao seu nome, enraizada em seus ancestrais, vai se transformando sem que ela perceba a real mudança que estava acontecendo. A esse respeito, Cassirer afirma que:

Para a concepção mítica fundamental, a individualidade humana não é algo simplesmente fixo e imutável, mas algo que, a cada passo, em uma nova fase decisiva da vida, ganha um outro ser, um outro eu, esta transformação também se exprime, antes de tudo, na troca do nome.(CASSIRER, 1972, p.69)

Assim sendo, o autor chama a atenção para o fato de que o nome de uma pessoa é parte de seu ser, tanto quanto o corpo e a alma:

[...] o nome não é nunca um mero símbolo, sendo parte da personalidade de seu portador; é uma propriedade que deve ser resguardada com o maior cuidado e cujo uso exclusivo deve ser ciosamente reservado. E não apenas o nome próprio, mas qualquer designação verbal, que é desta forma manejada como uma propriedade física. [...] Enquanto tal, (o nome) pertence à mesma categoria que seu corpo e sua alma. (CASSIRER, 1972, p.68)

A mudança de nome aponta uma mudança de identidade e do modo de sentir a realidade. Em seus diálogos com Cortés a respeito de religião, Malinalli queria crer no deus

dos espanhóis, porque passava a acreditar que *era en la sangre, en el secreto de la carne, en el secreto del amor, que estaba contenida la eternidad del Universo* [...] (p.61).

O desejo de pertencer a um grupo faz com que a personagem queira mudar de deus, de nome, de destino. Quando frei Aguilar, no seu batismo cristão, ensinou-lhe a pronunciar o nome do deus cristão, encantou-a e converteu-a de imediato *en cómplice, en amiga, en parte de una familia* [...], fazendo Malinalli não mais sentir-se excluída (p.44).

Entretanto, com o passar dos dias e anos, a personagem vai percebendo que aquele deus estrangeiro, que ela estava disposta a acreditar, não correspondia às suas expectativas e se decepciona com o comportamento dos espanhóis, principalmente, com o de Cortés:

Tú me prometiste libertad y no me la has dado. Para ti, yo no tengo alma ni corazón, soy un objeto parlante que usas sin sentimiento alguno para tus conquistas. [...] Somos como tú mismo dices: verbo encarnado, palabra en la carne. Lo que quiero es que despiertes y que aceptes la oportunidad [...] de ser una familia, de ser un solo ser (p.152.)

A *negação* aos deuses de seus ancestrais, em detrimento do deus único dos estrangeiros, fato que ocorre quando a protagonista se encontra num impasse junto aos espanhóis, provocaria nela toda a sua necessidade de rememorar passagens de sua infância com a avó, resgatando assim esse elo “quase” perdido e apaziguando seu coração atormentado pelas sucessivas perdas e abandonos que fizeram parte da sua trajetória. A explicação de sua avó a respeito de Deus, quando ela se *perdia*, lhe trazia de volta para seu *eixo*:

-Dios está en el centro. Ahí donde no hay forma alguna, ni sonido, no movimiento. [...] Somos como las cuentas del collar de la creación y estamos unidos unos con otros, cada uno ocupando el lugar y el espacio que le corresponde. Cuando uno jala más de la cuenta para un lado, altera todo el orden de los cielos y el cielo se abre, la tierra se abre. Cuando uno se separa ya no irá a caer donde debería caer, ya no caminará donde debería caminar, ya no irá a morir a donde debía morir porque su lazo se rompió, porque todo forma parte del todo y todo repercute en todo. [...] Cada hombre, cada luna, cada sol, cada estrella danza alrededor de un centro. El movimiento de los astros es sagrado y el nuestro también. Nos une el mismo invisible. (p. 111-112)

Para retomar sua identidade de origem, Malinalli busca em Tonantzin, a deidade feminina, La Madre, a sua integração com as forças da natureza, do cosmos, para conectá-la novamente ao seu mundo e aos seus deuses:

La búsqueda de los dioses es la búsqueda de uno mismo. [...] Sólo nos reconocemos en los reflejos. Cuando nos miramos en el agua, también sabemos que somos luz, de otra forma no podríamos reflejarnos. Somos fuego, somos sol. En el aire estamos, en la palabra. Cuando pronunciamos el nombre de nuestros dioses, pronunciamos el nuestro. Ellos nos crearon con su palabra y nosotros los recreamos con la nuestra [...]. (p.176)

“Cambiarán de forma nuestros ritos, será otro nuestro lenguaje, otras nuestras oraciones, distinta nuestra comunicación”, le dijo Tonantzin, “pero los dioses antiguos, los inamovibles, los del cerca y del junto, los que no tienen principio ni fin, no cambiarán más que de forma.” (p.178)

As palavras de Malinalli dirigidas a Tonantzin, em oração, davam a ela a liberdade almejada por toda a sua existência, resgatando não somente sua identidade, mas sua pureza de ser, sua essência feminina, progenitora de uma nova raça:

- A ti silencio de la mañana, perfume del pensamiento, corazón del deseo, intención luminosa de la creación [...] te encargo a mis hijos, te pido para que seas tu reflejo, para que al verte se sientan orgullosos. Ellos que son la mezcla de todas las sangres – la ibérica, la africana, la romana, la goda, la sangre indígena, y la sangre del medio oriente – ellos, (...) son el nuevo recipiente para que el verdadero pensamiento de Cristo – Quetzalcóatl se instale nuevamente en los corazones y proyecte al mundo su luz! [...] No permitas que se miren en un negro espejo que les diga que son inferiores, que no valen y acepten el maltrato y la violencia como único merecimiento. [...] borra todos sus miedos, junto con los míos, madre mía. [...] Fortalece el espíritu de la nueva raza [...], para que sepa que su presencia en la tierra es un promesa cumplida del universo. (p.179)

Assim, enterrava seu passado com Cortés e encontrava a si mesma. Cabe salientar, no entanto, que Malinalli e os mexicas jamais seriam os mesmos depois.

3.2 Malinche: porta-voz entre dois mundos

Ao aprender espanhol, Malinalli entrava em um ‘novo mundo’, sendo testemunha de muitas batalhas que Cortés liderou e saiu vencedor, justamente pela sua tradução e interpretação: *Pronto aprendió que aquel que maneja la información, los significados, adquiere poder y descubrió que al traducir, ella dominaba la situación y no solo eso, sino que la palabra podía ser un arma. La mejor de las armas.* (p.63)

Ao falar a língua dos estrangeiros, Malinalli adquire um poder que, em princípio, assusta-a. Mas, depois, apesar do medo do poder que estava adquirindo com o domínio do espanhol, passa para um lugar que nunca antes havia imaginado que poderia chegar: o de parceira, tradutora e intérprete de Hernán Cortés:

Ella, la esclava que en silencio recibía órdenes, ella, que no podía ni mirar directo a los ojos de los hombres, ahora tenía voz, y los hombres, mirándola a los ojos esperaban atentos lo que su boca pronunciara. Ella, a quien varias veces habían regalado. Ella de la que tantas veces se habían deshecho, ahora era necesitada, valorada, igual o más que una cuenta de cacao. (p.64)

Denominada por Cortés como *La Lengua*, Malinalli é a única pessoa que pode olhar diretamente nos olhos de Moctezuma, pois qualquer um que se atrevesse a fitá-lo estaria cometendo um grande desrespeito ao imperador asteca, sendo condenado à morte. Malinalli utilizou-se deste poder, mas sabia que essa privilegiada posição era instável e, para ajudar a Cortés a dominar os indígenas e conseguir sua liberdade salvando sua própria vida, ela teve que enfrentar seus medos, culpas e receios de competir com os deuses, ao impor sua própria *versão* dos fatos. Ela se encontrava num impasse: ou servia aos deuses de seus antepassados em sua interpretação e tradução, ou seguia seus próprios instintos, utilizando a palavra, conforme sua conveniência:

Ahora ella podía decidir qué se decía y qué se callaba. Qué se afirmaba y qué se negaba. Qué se daba a conocer y qué se mantenía en secreto y en ese

momento ése era su principal problema. No sólo se trataba de decir o no decir o de sustituir un nombre por otro, sino que al hacerlo se corría el riesgo de cambiar el significado de las cosas. Al traducir, Malinalli podía cambiar los significados e imponer su propia visión de los hechos y al hacerlo, entraba en franca competencia con los dioses, lo cual la atemorizaba. (p.65)

A tradução põe em jogo o sentido do discurso. Traduzir é, de certa forma, apropriar-se da palavra do outro, imprimindo-lhe significados. Nessa perspectiva, Mikhail Bakhtin comenta, a respeito do discurso no romance, que

[...] toda a manifestação verbal socialmente importante tem o poder, às vezes por longo tempo e um amplo círculo, de contagiando com suas intenções os elementos da linguagem que estão integrados na sua orientação semântica e expressiva, impondo-lhes nuances de sentido precisas e tons de valores definidos [...] (BAKHTIN, 1988, p.97)

Através de sua capacidade de traduzir, a protagonista atravessava uma tênue, mas marcante linha entre seu passado e o que se transformaria em seu futuro próximo. O contato com a cultura do outro transforma a percepção que tem de sua própria cultura.

Malinalli tinha novo nome, um novo amo e novos costumes e estava convencida que os novos deuses tinham vindo para acabar com os sacrifícios humanos. Ela encontra na paixão por Cortés um abismo transponível apenas por sua energia e vontade de ser uma mulher livre para amar e ser amada, entregando-se em seus braços:

Cortés comprendió que Malinalli era su verdadera conquista e, que ahí en medio del abismo del los ojos de esa mujer, se encontraban las joyas que tanto buscaba. Malinalli por su lado, sintió que en los labios de Cortés y en su saliva había un trozo líquido de dios, un pedazo de eternidad y que a ella le urgía saborearlo y conservarlo entre sus labios. (p.74)

A paixão entre eles provoca uma tensão, um conflito, levando Malinalli ao mesmo tempo a resgatar sua identidade e a perdê-la. Esta paixão conflitante representa o choque entre as culturas espanhola e indígena, entre esses dois povos que se mesclam arbitrariamente.

Entretanto, Malinalli percebe que a ferocidade de Cortés pela conquista vai minando seu caráter e diluindo suas esperanças de um relacionamento feliz:

Durante algunos minutos- que parecieron-eternos-, Cortés la penetró una y otra vez, salvajemente, como si toda la fuerza de la naturaleza estuviese contenida en su ser. Mientras, llovió tan fuerte que esa pasión y ese orgasmo quedaron sepultados en agua, lo mismo que las lágrimas de Malinalli, quien por un momento había dejado de ser 'la lengua' para convertirse en una simple mujer, callada, sin voz, una simple mujer que no cargaba sobre sus hombros la enorme responsabilidad de construir con su saliva la conquista. (p.76)

Depois de ter presenciado tantos massacres, Malinalli não se reconhece mais e se culpa por ser partícipe da destruição de seu povo: *Ella nunca podría volver a ser la misma. La Malinalli de ahora era otra, el rio era otro. Cholula era otra, Cortés era otro. [...] ¿Qué venía como respuesta a este horrendo asesinato del que ella se sentía tan culpable?* (p. 94)

Ao pedir em vão a Cortés que desistisse das batalhas e seguisse com ela uma vida a dois, Malinalli vivencia uma espécie de epifania e decide mutilar-se, cortando sua língua com um espinho de *maguey*, desfazendo o *reino* de Cortés, pois, sem o seu auxílio, ele perde todas as suas posteriores batalhas. Ela rompe com todo o poder de sua *língua*. Encontrando no silêncio a *sua* conquista:

La lengua era la culpable de todo. Malinalli había destruido el imperio de Moctezuma con su lengua [...] Decidió entonces, castigar el instrumento que había creado ese universo [...] se perforó la lengua. Empezó a escupir la sangre como si así pudiese expulsar de su mente el veneno, de su cuerpo la vergüenza y de su corazón, la herida [...] No volvería a ser jamás instrumento de ninguna conquista (p.157).

Enquanto Malinche foi *La Lengua* de Cortés, ela teve que se submeter a todas as suas vontades e caprichos. Quando já estava casada com Jaramillo, no final do romance, Cortés aparece cobrando fidelidade do casal, pois estava sendo acusado de infidelidade à coroa espanhola e de vários crimes a despeito da Conquista, pedindo-lhes que fossem testemunhas e

o defendesse perante a coroa espanhola. No momento em que Cortés aborda o assunto, Malinalli corta um “cordão” invisível que ainda os unia e trava com ele uma briga, tornando definitiva essa ruptura, através de suas palavras:

-Cortés, por siempre te agradeceré el hijo y el esposo que me diste, el trozo de tierra que amablemente nos regalaste a Jaramillo y a mí para que pudiéramos echar raíces, pero no me pidas que declare, no en ese tono, ya que no soy tu lengua, señor Malinche.[...] (p.174)

As palavras de Malinalli provocam a ira de Cortés que reluta para aceitar que ela não é mais *sua serva, nem sua língua*. Como em um espelho, Malinalli vê-se refletida em Cortés e, se referindo aos reflexos que vê em *seus espelhos*, diz-lhe: [...] *Tus espejos devuelven a mi vista el espanto de las muecas abiertas que tienen los rostros de los hombres que se han quedado sin lenguaje, sin dioses. [...] La búsqueda de los dioses es la búsqueda de uno mismo* (p.175-176).

Malinalli buscava a sua identidade perdida e, por isso, renega a Cortés que lhe havia trazido sofrimento e angústia, encontrando no silêncio a *sua conquista*. A ruptura com Cortés simboliza a impossibilidade de conciliação de interesses do colonizador e do colonizado no contexto da conquista espanhola. No livro sagrado maia, o Popol Vhu, *cuando todo estaba en silencio, es que surgía la creación. [...] a Malinalli le urgía el silencio, la calma.* (p.59).

4 MEMÓRIA E IDENTIDADE

*El sol no se da cuenta de que brilla porque no puede verse a si mismo.
[...] Por eso necesitamos de espejos para reconocernos. (p. 72)*

Discriminada pelo povo mexicano, Malinche não é uma referência positiva na identidade deste povo que teve nela sua primeira representação da mestiçagem mesoamericana. Mãe do primeiro mestiço, *La Malinche*, para Todorov, é o *símbolo da mestiçagem das culturas* (TODOROV, 1982, p.98), anunciando assim o

estado mexicano moderno e, mais ainda, o estado atual de todos nós ('bi ou tri culturais'), glorificando a 'mistura em detrimento da pureza (asteca ou espanhola) e o papel de intermediário. Ela não se submete simplesmente ao outro, [...] adota a ideologia do outro e a utiliza para compreender melhor sua própria cultura, o que é comprovado pela eficácia de seu comportamento (embora "compreender" sirva, neste caso para "destruir"). (TODOROV, 1982, p.98)

Todorov admite que a Conquista seria impossível sem ela e que, apesar de ela ser responsável pelo que aconteceu e escolher o campo dos conquistadores,

[...] Com efeito, não se contenta em traduzir; é evidente que também adota os valores dos espanhóis, e contribui como pode para a realização de seus objetivos. Por um lado, efetua uma espécie de conversão cultural, interpretando para Cortés não somente as palavras, mas também os comportamentos; por outro lado, sabe tomar a iniciativa quando necessário [...] (TODOROV, 1982, p.97)

Contra-pondo-se ao pensamento de Todorov, Octavio Paz (1992) trata Malinche como *La Chingada*, a que representa *La Madre violada* e a associa à Conquista: foi uma violação, não somente em sentido histórico, mas também contra as índias. Para ele, Doña Marina converteu-se em uma figura que representa as *índias fascinadas, violadas ou seduzidas pelos espanhóis*, acusando-a de traidora de seu povo. Ao mesmo tempo, admite que o mesmo povo,

ao repudiar Malinche - *Eva mexicana* - rompe com o passado, renega a sua origem e fica sozinho (sem identidade) na história.

A ruptura que o povo mexicano nega é representada por Malinche, por Paz descrita como símbolo da *entrega*. Em duplo sentido. Ela não oferece resistência à violência, e esta passividade *la lleva a perder su identidad: es La Chingada. Pierde su nombre, no es nadie ya, se confunde con la nada, es la Nada. Y, sin embargo, es la atroz encarnación de la condición femenina* (p.77). E do mesmo modo como uma criança que é abandonada por sua mãe, para ir à busca de seu pai, o povo mexicano não perdoa sua traição, condenando sua origem e renegando o seu hibridismo. (PAZ, 1992, p.77-78)

Laura Esquivel mostra na obra uma visão humana e poética da protagonista, marginalizada e pragmática personagem da história do México, sempre entrelaçando os costumes e crenças de seus antepassados às memórias mais íntimas de sua infância, ligada aos mitos religiosos. Sua avó transmite à neta toda a sua sabedoria, suas crenças na eternidade e ensinamentos de seus antepassados a respeito dos elementos da natureza:

Malinalli relacionaba la Idea de eternidad con la Estrella de la mañana. Había escuchado decir sus mayores que el espíritu de los seres humanos, de las cosas vivientes y de los dioses vivía por siempre, que era posible ir y venir de este tiempo a ese otro lugar fuera del tiempo, sin morir, solo cambiando de forma.(p.15)

Para Cassirer, as representações míticas não são mera fantasia, mas *representam, para a consciência primitiva, a totalidade do Ser*. Ele afirma que *o homem só vive com as coisas na medida em que vive nestas configurações, ele abre a realidade para si mesmo e por sua vez se abre para ela, quando introduz a si próprio e o mundo neste médium dúctil, no qual os dois mundos não só se tocam, mas também se interpenetram*. (CASSIRER, 1972, p. 24).

Para *ejercitar el lenguaje y la memória* (p.27), a avó de Malinalli pedia à neta que desenhasse em um papel uma sequência de imagens que pudessem narrar algum acontecimento: eram os códices. Assim, ela *desenvolvió un lenguaje [...] preciso, amplio y ordenado. [...] La memória, le dijo, es ver desde dentro. Es dar forma y color a las palabras. Sin imágenes no hay memoria.* (p.27)

Todorov comenta, a respeito da educação familiar asteca, que aprender *a bem falar* fazia parte desta educação oferecida pelos pais e pelas escolas especiais¹⁶: *Zelavam cuidadosamente para que [o filho] soubesse conversar de modo apropriado com os outros, e que sua conversa fosse conveniente.*¹⁷ E [...] *Você deve esmerar-se, adoçar suas palavras, sua voz.*¹⁸

Para Le Goff, em seu estudo a respeito da ciência histórica¹⁹ *o primeiro domínio onde se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento – aparentemente histórico – à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem.* (LE GOFF, 1996, p.428) Mas, ele continua, *a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder.* (LE GOFF, 1996, p.476)

Para Todorov, o choque entre o mundo ritual dos indígenas e a conquista, que foi um acontecimento único, resulta na incapacidade de Moctezuma em produzir mensagens apropriadas e eficazes. A invasão espanhola cria uma situação completamente nova para os indígenas, acostumados, segundo ele, ao ritual, com discursos decorados passados de geração

¹⁶ Existem, no estado asteca duas espécies de escolas, uma onde se prepara para o ofício de guerreiro, e outra de onde saem os sacerdotes, os juizes e os dignitários reais. [...] aprendiam simultaneamente “a bem falar e a bem governar” (TODOROV, 1982, p.75)

¹⁷ Codex Fiorentino, VIII, 20, p. 71

¹⁸ Idem, VI, 22

¹⁹ Le Goff, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. 4ª Ed. Campinas, SP. Ed. UNICAMP, 1996.

em geração. Cortés consegue destacar-se nesse contexto, com seu poder de adaptação e da improvisação, pois tem consciência disso:

Esforçar-me-ei sempre em acrescentar o que me parecer apropriado, pois as regiões que se descobrem a cada dia são tão grandes, e tão diversas, e os segredos a que temos acesso por meio dessas descobertas tantos, que as novas circunstâncias impõem novas opiniões e novas decisões; e se Vossa Majestade notar alguma contradição entre o que estou dizendo e o que terei a dizer ou o que já disse, que Vossa Excelência saiba que um fato novo fez com que eu adotasse uma nova opinião. (TODOROV, 1982, p.84)

Por outro lado, Le Goff analisa que a *vitalidade da memória coletiva nas sociedades sem escrita* teriam como razões a *transmissão de conhecimentos considerados como secretos e a vontade de manter em boa forma uma memória mais criadora que repetitiva [...]* (LE GOFF, 1996, p.429). O autor, citando Goody, afirma ainda que:

contrariamente ao que em geral se crê, a memória transmitida pela aprendizagem nas sociedades sem escrita, não é uma memória “palavra por palavra” [...] a memória coletiva, parece, portanto, funcionar nestas sociedades segundo uma “reconstrução generativa e não segundo uma memorização mecânica.”. (LE GOFF, 1996, p.430)

A memória das tribos era preservada no período pré-hispânico através da tradição oral ou por meio de imagens, os códices, e não pela palavra escrita; os códices são uma *forma sagrada de contar histórias, histórias profanas y sagradas*, em que os antigos mexicanos podiam narrar as epopeias de seus povos em pedaços de papel, cheios de signos que representavam uma forma de ser em um tempo²⁰. Assim, os códices são documentos de representação da civilização asteca que registram sua identidade, contando sua história.

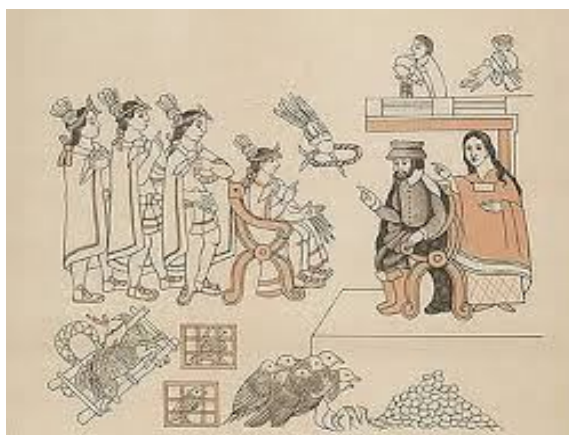
Le Goff reflete que:

[...] o documento é um monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. [...] qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro [...] e falso. (LE GOFF, 1996, p.548)

²⁰ Nota da autora. Esquivel, 2006.

As primeiras representações de Malinche junto a Cortés aparecem nos referidos códices, pictografias posteriores à queda do México- Tenochtitlán em 1521, feitos pelos filhos astecas das classes superiores nativas, que posteriormente estudaram junto aos padres e franciscanos. Os códices mostram que foi na utilização da língua o verdadeiro poder de Malinche, não sendo ela apenas uma peça fundamental da estratégia de domínio calculista de Cortés, para derrotar o povo asteca.

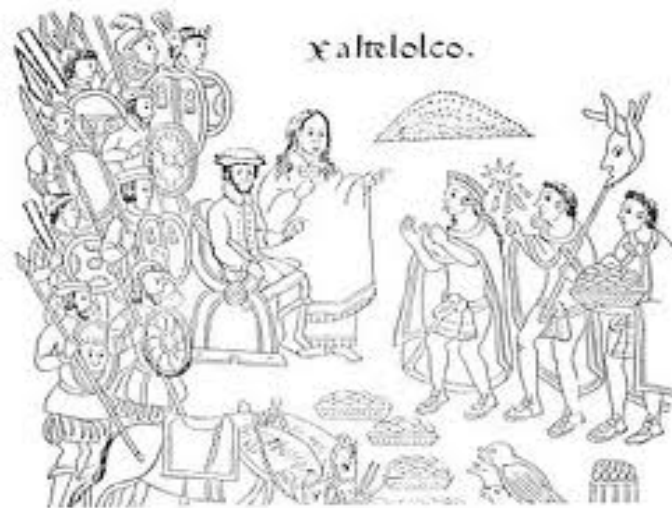
Figura 1



Hernán Cortés e Malinche com Moctezuma em Tenochtitlán. (*Lienzo de Tlaxcala*.1890)

Esta representação pertence ao chamado códice *Lienzo de Tlaxcala*. Nela, observa-se o intercâmbio verbal entre Moctezuma e Cortés, sendo um diálogo a três, pois Malinche também participa.

Figura 2



Malinche e Hernán Cortés em Tlatelolco. Códice da história de Tlaxcala. (séc. XVI)

Neste códice, Malinche parece ter dado um passo à frente, posicionando-se de forma intermediária entre Cortés e Moctezuma, transparecendo um maior realismo nas representações e uma consciência maior do papel de faraute.

Figura 3

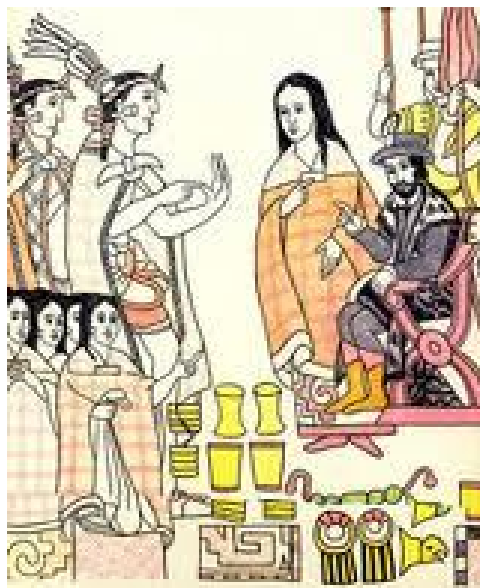


Códice Tlaxcala- Malinche entre Moctezuma e Hernán Cortés- 1892

Este códice representa Malinche no “*entre-lugar*” do intelectual latino americano²¹, protagonizando o encontro entre as duas culturas, sendo também a primeira diplomata, além de ser a primeira tradutora simultânea da história americana. Notem-se os ícones na altura da boca que representam as palavras proferidas.

²¹ LABRIOLA, Rodrigo. **As iconografias da Malinche e Sor Juana**. Disponível em:<http://www.propi.uff.br/ciberlegenda/iconografias-da-malinche-e-sor-juana>. Acesso em: 3 mar. 2013.

Figura 4



Ícone valorizando o gestual de Malinche (XVI)

Neste códice, a representação está mais realista, e os ícones que codificam seu discurso são substituídos pela gestualidade.

Todorov comenta que a fala *privilegiada e mais impressionante* dos astecas é a ritualizada, constituída pelos *huhuetlatolli*, discursos decorados com variados temas, abordando uma série de circunstâncias sociais: rezas, cerimônias de casamento, nascimento, etc, e tem como função materializar a memória social, *transmitidos de uma geração à outra para garantir a identidade da coletividade* (TODOROV, 1982, p.77). Com a ausência da escrita, os pictogramas se tornam muito importantes para os astecas, pois são usados para mostrar a sua experiência (TODOROV, 1982, p.77).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A personagem Malinche *nasce* na água e *morre* na água. *Nasce* no silêncio e *silencia* para, na morte encontrar sua ainda maior liberdade, seu maior intento. Essas características de nascimento e morte apontam para uma circularidade, representando a dimensão infinita do ser humano, tão bem simbolizada na obra de Esquivel.

Dentro do contexto literário hispano-americano do século XX, Laura Esquivel consegue, em *Malinche*, atribuir uma inovadora visão de um momento delicado da história do México, suscitando novas possibilidades de interpretação para o passado durante a Conquista.

A história e a ficção unidas na obra revelam a força feminina latente no gênero do novo romance histórico. A capacidade da protagonista de nutrir e gerar a palavra com sua tradução, na conquista, ainda hoje provoca muitas polêmicas. Malinche é o símbolo da miscigenação de dois mundos que se encontram no século XVI e se repelem por vários fatores, sobretudo por crenças, línguas e culturas tão distintas, numa época em que a palavra falada sobrepujava à escrita.

Cassirer, Le Goff e Paz ressaltam que a palavra tem poder criador e libertador e que a memória oral de um povo é essencial para a recuperação da sua identidade, inerente à necessidade de sobrevivência de uma raça.

Se, por um lado, Malinche encontra na palavra, na tradução, nos códices, no mito, seu poder para se situar e sobreviver no cerne da Conquista, é no silêncio, no não-dito, que ela se liberta da memória coletiva opressora e violenta a que é submetida por toda a sua vida. E, nesse mundo hostil, de guerras pelo poder entre línguas e povos diferentes, Malinche luta com sua saliva e seu coração para que novas palavras sejam ditas e que novos rumos sejam possibilitados a seu povo, resgatando-o do silêncio labiríntico em que imergiu por muitos anos. Essas palavras ainda *ecoam* no século XXI.

REFERÊNCIAS

ANDA, Mónica Perea, La malinche entre la espada y la fleche: las palabras. **Revista Estudios**. No. 20 / ANUAL / 2007 / ISSN 1659-3316. Disponível em: <http://www.estudiosgenerales.ucr.ac.cr/estudios/no20/papers/ivsec1.html>. Acesso em: 30 maio de 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética. A Teoria do Romance**. Tradução: Aurora F. Bernardini. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

CAMPETELLA, Luciano. **Maldiciendo a Malinche. La historia del español americano como disputa de un botín**. Universidad Nacional del Sur. Cuadernos del Sur, Letras. n. 35-36 Bahía Blanca 2005. Disponível em: [http://www.academia.edu/3173490/Maldiciendo a Malinche La historia del espanol americano como disputa de un botin](http://www.academia.edu/3173490/Maldiciendo_a_Malinche_La_historia_del_espanol_americo_cano_como_disputa_de_un_botin) Acesso em: 10 jun. 2013.

CASSIRER, Ernest. **Linguagem e Mito. Uma contribuição ao problema dos nomes dos deuses**. Tradução: J. Gunsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

Códices. Livre tradução. Disponível em: http://www.iconio.com/ABCD/F/sec_3.htm. Acesso em: 30 jun. 2013.

DE TORO, Alfonso. **Escenificaciones de la hibridez en el discurso de la conquista: Analogía y comparación como estrategias translatólicas para la construcción de la otredad**. Atenea (Concepc.) [online]. 2006, n.493, p. 87-149. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-04622006000100006&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 11 mar. 2013

CARBAJAL, Fabian Eduardo Debenedetti. **Vozes alternativas na reconfiguração dos mitos fundacionais : presença da mulher, do negro e do índio no romance histórico contemporâneo uruguaio**. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/12749>. Acesso em: 29 jun. 2013.

ESQUIVEL, Laura. **Malinche**. New York: Atria Books, 2006.

FARFÁN, José Antônio Flores. **La Malinche, portavoz de dos mundos**. Disponível em: <http://www.ejournal.unam.mx/ecn/ecnahuat137/ECN003700008.pdf> Acesso em: 20 jul. 2013.

FERREIRA FH., O.A. Os códices maias. Portal Templodeapolo.net, Porto Alegre-RS. Disponível em: [http://www.historia.templodeapolo.net/civilizacao_ver.asp?Cod_conteudo=360&value=Os códices maias&civ=Civilização Maia&topico=Ciências#topo](http://www.historia.templodeapolo.net/civilizacao_ver.asp?Cod_conteudo=360&value=Os_códices_maias&civ=Civilização_Maia&topico=Ciências#topo). Acesso em: 28 ago.2013.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JOSÉ, Maria Emília Granduque. **A percepção da figura de Malinche a partir do discurso cronístico espanhol do século XVI**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25. 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/?p=17750>. Acesso em: 30 maio 2013.

LABRIOLA, Rodrigo. **As iconografias da Malinche e Sor Juana**. Disponível em: <http://www.proppi.uff.br/ciberlegenda/iconografias-da-malinche-e-sor-juana>. Acesso em: 3 mar. 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. 4ª Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

PAVANI, Cinara Ferreira. **Uma Sherazade latino-americana: Eva Luna entre histórias e história**. Tese doutorado. UFRGS, 2004. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4218/000453848.pdf?sequence=1>

PAZ, Octavio. **El Laberinto de La Soledad**. México: Colección Popular, 1992.

PONCELA, Anna María Fernández.- **Malinali: discursos y creación cultural**. La ventana v.3 n.28 Guadalajara dic. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-94362008000200006&script=sci_arttext Acesso em: 15 jun. 2013.

Popol Vuh. Disponível em: http://www.samaelgnosis.net/sagrados/pdf/popol_vuh.pdf Acesso em: 30 jun. 2013.

RIBEIRO, Rejane de Almeida. Aspectos dos romances históricos e pós-modernos. **Scientia FAER**, Olímpia - SP, Ano 1, Volume 1, 2º Semestre. 2009

SANTOS, Ana Cristina dos; Tavela, Renata Martuchelli. **Malinche e a reconstrução identitária**. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/376.pdf> Acesso em: 1 abr. 2013

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos (UCS). **Malinche**. Palavra.mediação intercultural, poder. Universidade Estadual de Maringá –UEM - Maringá-PR, 9, 10 e 11 de junho de 2010 – ANAIS - ISSN 2177-6350. Disponível em: <http://www.cielli.com.br/downloads/315.pdf>. Acesso em: 30 maio 2013.

SOTELO, Abigail M. **La nueva novela histórica y el trujillato: La Fiesta del Chivo y en el tiempo de las mariposas**. Dissertação de mestrado. The University Arizona. 2009.

TABA, Mónica Andréa Jaramillo. **La Reinvidicación de Malinche en la obra de Laura Esquivel** 2012. Disponível em: <http://recursosbiblioteca.utp.edu.co/tesis/ficha2014.html>. Acesso em: 15 jun. 2013

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do outro**. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

Biografia da autora – livre tradução

Disponível em:

<http://www.bibliofiloenmascarado.com/2010/10/03/biografia-semanal-laura-esquivel/>

http://www.biografiasyvidas.com/biografia/e/esquivel_laura.htm

Acesso em: 30 ago.2013.